



## Textos fáceis , textos difíceis

Profª Sônia M. Aranha R. de Andrade  
Pedagoga e Mestre em Educação pela Unicamp  
Diretora de Estudos e Pesquisas – **CentrodEstudos**

\*\* Copyright: sitescola.com.br .Permitida a reprodução e distribuição desde que citada a fonte e a autora.

Existe uma forte corrente pedagógica que diz que o importante para os alunos é a leitura de textos muito próximos a eles, tais como história em quadrinhos, bula de remédio, artigos de revistas e de jornais ou receitas de quitutes. É dito que são os textos fáceis que aproximam os alunos da leitura.

Essa orientação parte do pressuposto que o conteúdo da leitura deve ter um significado para o aluno, portanto, deve estar na esfera do conhecido. Além disso, consideram que é o aluno que deve escolher a sua leitura, pois ao fazê-lo, estaria afirmando a sua individualidade enquanto leitor. Por essa razão, os textos tidos como clássicos - literatura de qualidade - não se tornam objetos de estudo nas salas de aula porque, em geral, mais difíceis, acabam desprezados pelos alunos.

O ponto de partida dessa orientação sempre é o indivíduo, ou seja, é o indivíduo que constrói o social. Daí a idéia do gosto pessoal, do talento nato, da originalidade, dentre outras.

Está errado pensar dessa maneira? Não, em absoluto. Essa é uma dentre as diversas concepções de homem. No entanto, não é essa a orientação do *Projeto A Escrita e a Leitura na Perspectiva Vygotskyana*. Nele, seguimos uma outra forma de compreender o homem: "é a vida que determina a consciência" (Marx,1986), isto é o social constitui o indivíduo e, dialeticamente, é por ele constituído.

Isso, a nosso ver, é a grande diferença entre Piaget e Vygotsky. Diferença essa que a maioria dos cursos de formação não ressalta, porque são pontos de vistas ideologicamente afirmados.

Mas para clarear melhor os pressupostos que dão suporte ao *Projeto A Escrita e a Leitura na Perspectiva Vygostkyana*, partiremos do próprio Vygotsky:

Vygotsky , nos anos 20 do século XX, vivia na União Soviética, por essa razão, a revolução russa teve uma grande influência em suas pesquisas. Nesse sentido, a teoria marxista da sociedade, conhecida como materialismo histórico, também teve papel fundamental no pensamento de Vygotsky. De acordo com Marx, mudanças históricas na sociedade e na vida material produzem mudanças na "natureza humana" (consciência e comportamento). Vygotsky foi o primeiro a tentar correlacionar essa teoria a questões psicológicas concretas. Elaborou, de forma criativa, as concepções de Engels sobre o trabalho humano e o uso de instrumentos como os meios pelos quais o homem transforma a natureza e, ao fazê-lo, transforma a si mesmo.

Vygotsky explora o conceito de instrumento de maneira que encontra seus antecedentes diretos em Engels: "A especialização da mão - que implica o instrumento, e o instrumento implica a atividade humana específica, a reação transformadora do homem sobre a natureza", "o animal meramente usa a natureza externa, mudando-a pela sua simples presença; o homem, através de suas transformações, faz com que a natureza sirva a seus propósitos , dominando-a. Esta é a distinção final e essencial entre o homem e os outros animais".

Vygotsky estendeu esse conceito de mediação na interação homem-meio pelo uso de instrumentos, ao uso de signos. Os sistemas de signos (a linguagem, a escrita, o sistema de números) ,assim como o sistema de instrumentos, são criados pelas sociedades ao longo do curso da história humana e mudam a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural.

Para Vygotsky, na melhor tradição de Marx e Engels, o mecanismo de mudança individual ao longo do desenvolvimento tem sua raiz na sociedade e na cultura.

Inserido nessa visão de mundo, ele buscou criar um método de pesquisa, como havia feito Marx, que conseguisse por intermédio de uma única unidade de análise compreender a inter-relação entre pensamento e palavra.

Ele, então, irá dizer que o significado da palavra é a unidade de análise capaz de conservar as propriedades básicas do todo, não podendo ser dividido sem que as perca.

Uma palavra não se refere ao objeto isolado, mas a um grupo de objetos: portanto, cada palavra é uma generalização. Isto é, quando digo **casa** estou dizendo/pensando de modo genérico. A generalização é um ato verbal do pensamento. Sendo assim, o significado da palavra ( quando eu ouço casa ou falo casa e compreendo é porque aquela palavra tem um significado não só para mim indivíduo, mas para a sociedade que pratica aquela língua) é um ato do pensamento, mas ao mesmo tempo , o significado é parte inalienável da palavra como tal, e dessa forma pertence tanto ao domínio da linguagem quanto ao domínio do pensamento.

Uma palavra sem significado é um som vazio.

Uma vez que o significado da palavra é simultaneamente pensamento e fala, é nele que Vygotsky vai encontrar a unidade de análise que conserva o **todo** (tanto do que trata a linguagem e tanto do que trata o pensamento) para o desenvolvimento de suas pesquisas.

Então, quando estamos construindo com nossos alunos o conhecimento da língua portuguesa, estamos construindo os significados das palavras, mas como o significado da palavra pertence tanto ao domínio da linguagem como o do pensamento, estamos, ao mesmo tempo, mediando a construção do pensamento de nossos alunos. Daí a fundamental importância do ensino de língua portuguesa.

Quando apresentamos a palavra **casa** para o nosso aluno (independente da idade) ele compreende, porque compreende o significado da palavra. Para ele não se trata de um som vazio. Isso ocorre, porque na sua vivência social, ele construiu esse conceito. Compreendendo o significado de **casa**, ele o faz de modo genérico. Não é uma casa específica, mas é o **conceito de casa**. Sendo assim ,ao apresentarmos para ele a palavra **casa** estamos com isso ensinando , digamos assim, a língua, mas ao mesmo tempo, construindo o pensamento deste aluno.

Quando, por outro lado, apresentamos a palavra **globalização** para um aluno de 1a série ou mesmo para alunos de séries mais avançadas, esta palavra não terá um significado para ele. Será um som vazio, porque não compreende o seu significado, o conceito de **globalização**. Para que construa o significado, será preciso contar como o apoio de uma rede conceitual, ou seja, outras palavras que possibilitem a compreensão do conceito/palavra<sup>1</sup> globalização.

Quanto mais complexos forem os significados das palavras, mais complexo se torna o pensamento. Sendo assim, quanto mais complexo for um texto, mais complexo se tornará o pensamento do leitor desse texto.

---

<sup>1</sup> Conceito/palavra – significa que pertence, ao mesmo tempo, ao pensamento (conceito) e a linguagem (palavra)

É por esse motivo que no *Projeto A Escrita e a Leitura na Perspectiva Vygotskyana* é defendido a importância da leitura da literatura clássica por ser mais complexa visando elevar a complexidade do pensamento dos alunos.

É claro que é mais prazeroso uma discussão, reflexão e aprendizagem da palavra/conceito **casa** do que a palavra/conceito **globalização**, para ficar nesses dois exemplos. Casa é muito mais próximo, eu compreendo porque inclusive vivo nela, mas globalização é distante, mais abstrato, muito mais complexo.

No entanto, a compreensão da palavra/conceito **globalização** promoverá uma complexização do pensamento, porque para eu compreender globalização, necessariamente, é preciso compreender:



Isso é o que chamamos de uma rede conceitual.

A palavra **casa** também possui uma rede conceitual, porque todos os conceitos são construídos dessa forma, no entanto, a extensão da rede do conceito/palavra **globalização** é muito maior.

Esse processo de construção do pensamento/palavra é ininterrupto. Nunca cessa. Estamos todo tempo nos deparando com conceitos/palavras ainda não dominados. Não há um momento em nossas vidas que esse processo chega a um término, quer ver?

Exemplos:

“Num lugar de La Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, vivia, não há muito, um fidalgo, dos de lança em cabido, adarga antiga, rocim fraco, e galgo corredor. Passadio, olha seu tanto mais de vaca do que de carneiro, as mais das ceias restos de carne picados com sua cebola e vinagre, aos sábados outros sobejos ainda somenos, lentilhas às sexta-feira, algum pombito de crecência aos domingos, consumiam três quartos do seu haver. ...” (*Dom Quixote* de Cervantes)

“Um livro não tem objeto nem sujeito; é feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes. Desde que se atribui um livro a um sujeito, negligencia-se este trabalho das matérias e a exterioridade de suas correlações. Fabrica-se um bom Deus para movimentos

geológicos. Num livro, com em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. As velocidades comparadas de escoamento, conforme estas linhas, acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e de ruptura. Tudo isto, as linhas e as velocidades mensuráveis, constitui um agenciamento. Um livro é um tal agenciamento e, como tal, inatribuível. É uma multiplicidade – mas não se sabe ainda o que o múltiplo implica, quando ele deixa de ser atribuído, quer dizer, quando é elevado ao estado de substantivo...” (Gilles Deleuze e Félix Guattari- Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia )

“ A fixidez é *sempre* momentânea. Como pode sê-lo sempre? Se o fosse, não seria momentânea – ou não seria fixidez. O que eu quis dizer com esta frase? Talvez tivesse em mente a oposição entre o movimento e imobilidade, uma oposição que o advérbio sempre designa como incessante e universal: estende-se a todas as épocas e compreende todas as circunstâncias. Minha frase tende a dissolver essa oposição e assim apresenta como uma maliciosa transgressão do princípio de identidade. Maliciosa porque escolhi a palavra momentânea como o complemento de fixidez, para atenuar a violência do contraste entre movimento e imobilidade. Uma pequena trapaça retórica destinada a revestir de plausível aparência a infração da lógica. ... ” ( Otacvio Paz – O Monogramático )

Dá para sentir o drama, mesmo para nós adultos/professores. São trechos de textos que solicitam uma história de leitura para poder compreender a trama tecida pelas palavras/conceitos. E a compreensão desses textos leva, necessariamente, a um pensamento muito mais complexo e, portanto, mais crítico.

Um texto<sup>2</sup> tido como fácil ou mais próximo dos alunos, além do que já mencionei anteriormente, também é um texto de leitura linear, isto é, um texto em que há uma única interpretação possível e se esgota em si mesmo.

Um texto é tido como clássico porque não se esgota em si mesmo. Possibilita inúmeras interpretações não só de leitores diferentes, mas do mesmo leitor em períodos históricos diferentes. É um texto que sempre terá o que dizer não importa se a sua leitura tenha sido feita inúmeras vezes. Isso ocorre, sobretudo, pela multiplicidade de estilos, de interpretações, pontos de fuga que propõe ou sugere.

E não só na linguagem escrita, também ocorre com a visual ( cinema, fotografia, televisivas, dentre outras) , com a cênica (teatro , dança) e com a sonora.

Um texto clássico (visual, sonoro, escrito, cênico) promove rupturas e por meio delas o pensamento é transformado.

Se pensarmos no movimento dialético: quanto mais complexo se tornou o modo de produção, mais complexo foi ficando o pensamento/linguagem. E quanto mais complexo o pensamento/linguagem se torna, mais complexo os meios de produção.

Se quisermos elevar a consciência crítica de nossos alunos, se quisermos que eles consigam compreender a complexidade da economia, da política e dos meios de

---

<sup>2</sup> Significado de texto :uma unidade de sentido para o leitor.

produção e se quisermos contribuir com o fim da alienação e ,portanto, da submissão, será preciso promovermos condições de acesso aos mais variados estilos, modos de expressão e de interpretações e isso é possível por meio dos textos.

No entanto, é imprescindível que esse conhecimento seja mediado pelo professor. Como gostar de Ulisses se não tiver alguém que nos dê uma mão para compreendê-lo? Mas ao gostar de Ulisses (do estilo, da estrutura textual, da trama), ao mesmo tempo, Ulisses é compreendido, o autor é compreendido, e o pensar é modificado.

---

### **Referências Bibliográficas:**

Cervantes, M. Dom Quixote. São Paulo: Victor Civita,1981.

Deleuze,G.,Guattari,F Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia – vol.1 .Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

Marx, K., Engels F. A Ideologia Alemã. São Paulo. Hucitec, 1986. 5ª ed.

Paz, O. O Monogramático. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Vygotsky, L.S. Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Vygotsky, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.